



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

QUEM SÃO OS *NAPĚ PĚ* NA COSMOGONIA YANOMAMI?

Enira Roberth

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: eniraroberth@gmail.com

Ricardo Martins Valle

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: ricardomartins.valle@uesb.edu.br

INTRODUÇÃO¹

A inserção recente da prática escritural entre os Yanomami tem levantado questionamentos sobre a identidade indígena dentro e fora das comunidades, pelo seu caráter duplo. Isso ocorre porque ao mesmo tempo que a escrita é um elemento exógeno, sua apropriação, como afirma o xamã yanomami Davi Kopenawa, consiste em uma forma de dar voz ao povo indígena na espécie discursiva legitimada no mundo dos “brancos”. Nesse sentido, a prática possibilitou que integrantes yanomami do grupo Parahiteri publicassem em 2017 os livros *A árvore dos cantos*, *Comedores de terra*, *O surgimento dos pássaros* e *O surgimento da noite* organizados por Anne Ballester e inicialmente, em 2010, publicados como material didático, em volume único, para circulação nas comunidades. Os quatro livros, nos quais está narrada parte da cosmogonia yanomami, juntamente com as narrativas cosmogônicas transmitidas pela grande liderança Davi Kopenawa, em *A queda do céu* (2015), constituem o corpus que será analisado neste trabalho, no intuito de investigar qual imagem de *napĚ pĚ* pode ser construída a partir da leitura dos textos citados e o que eles enunciam acerca da relação entre índios e brancos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho exclusivamente bibliográfico, pois suas fontes primárias já se encontravam transcritas e sistematizadas em livro, não requerendo a interação de sujeitos implicados. Além do *corpus* principal, serão usados textos etnográficos que

¹Este artigo faz parte da pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Mestrado do PPGCEL-UESB, vinculado ao projeto de pesquisa “Letras nas Conquistas e a Literatura Brasileira” (DELL-UESB).



ajudem a relacionar e aprofundar conjecturas sobre os temas, a fim de compreender a imagem de *napë pë* apresentada nas narrativas cosmogônicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas fontes yanomami que utilizamos, nota-se um sentimento de superioridade cultural em relação aos *napë pë* – os estrangeiros, os não-Yanomami, e atualmente os “brancos”, enfim, independentemente da tez da pele – pela forma com que os autores yanomami tecem comparações entre os seus costumes e as suas origens e os integrantes da sociedade envolvente. Dentre vários exemplos, convém citar a narrativa que abre a discussão do capítulo “Imagens de forasteiros”, em *A queda do céu*, na qual Davi Kopenawa narra a criação dos *napë pë*, atribuída também Omama, o demiurgo de seu sistema cosmogônico (chamado Omawë, entre os yanomami do oeste, como os Parahiteri), contemplando *para si*, no âmbito de sua própria cosmogonia, aquele que está *diante de si*, ou seja, o estranhamente *outro* que habita além das fronteiras de sua floresta.

Antigamente, os brancos não existiam. Foi o que me ensinaram os nossos antigos, quando eu era criança. *Omama* vivia então na floresta, com seu irmão *Yoasi* e sua esposa, *T^huëyoma*, que os xamãs também chamam de *Paonakare*. Seu sogro, *Tëpërësiiki*, morava numa casa no fundo das águas. Não havia mais ninguém. Assim era. *Omama* deu-nos a vida muito antes de criar os brancos, e era também ele que, antes deles, possuía o metal. [...] (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p.222)

Além da primazia dada à criação dos Yanomami, como forma mais verdadeira e primeira do humano, a narrativa mítica não atribui aos brancos a invenção das ferramentas de metal trazidas por eles no contato recente. Com efeito, a criação dos *napë pë* e dos poderosos e malditos utensílios que trouxeram consigo é uma *tópica*, digamos assim, um lugar comum nos contos xamânicos yanomami, e de diversos outros povos do norte Amazônico (ALBERT & RAMOS, 2002). Essa *tópica* mostra basicamente o caráter ativo do pensamento indígena, inclusive de povos ditos “isolados” ou de contato recente, demonstrando a habilidade eminentemente intelectual de, dentro de seus próprios sistemas epistemológicos, desenvolver estratégias explicativas para aquele mundo estranhamente humano com o qual mais ou menos recentemente aquelas culturas se depararam; mundo que logo se apresentaria uma realidade ameaçadora e incontornável, principalmente pelas gigantescas dimensões com que a



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

“civilização” se apresentou e se apresenta em face dessas sociedades sem Estado e o caráter abusivo de seus modos de intervir na terra-floresta indígena e nos próprios modos de vida indígena.

Elementos narrativos de inferiorização ou de relativização do poder do *napë* pode ser observado nos grupos *Parahiteri*: “Os *napë* não fizeram surgir o tabaco depois de soprar as sementes” (PARAHITERI, 2017c), “Ele [o Tatu] ensinou aos *napë* como fabricar o machado” (PARAHITERI, 2017c) e “Não foram os antepassados dos *napë* que criaram essas pupunheiras. Eles não inventaram as sementes” (PARAHITERI, 2017ba). Os fragmentos citados apontam para o caráter etnocêntrico comum a todas as sociedades humanas (CLASTRES, 2004). De acordo com Pierre Clastres, as sociedades humanas, independentemente de serem sociedades de Estado, posicionam-se segundo um eixo hierárquico quando em oposição a outras, o que se observa por um sentimento intrínseco de enaltecimento de si ao mesmo tempo que de periferização do outro, de modo que os polos do que o ocidente chama de “civilização” e “barbárie” é sempre uma noção relativa ao centro cultural em que se situa a observação explicativa do mundo e das diversas humanidades que o habitam. Assim, a alteridade cultural se baseia em uma relação etnocêntrica, visto que uma cultura concebe a si mesma como “representação por excelência do humano” (CLASTRES, 2004, p.58) enquanto vê as demais como participantes secundárias da existência.

Por outro lado, pode-se encontrar, ainda que com menor frequência, no *corpus* analisado, relatos que contém agradecimentos pelas benesses que o contato trouxe, como no conto “O corte dos cabelos” (PARAHITERI, 2017a), no qual se relembra o tempo em que não existia a tesoura, nem o facão e então os cabelos caíam nos olhos e havia ferimentos nos procedimentos de corte com bambu. Ademais, há trechos que denotam uma admiração por materiais oriundos do branco, como em “Apesar de não possuírem terçados como os dos *napë*, eles conseguiram matá-lo” (PARAHITERI, 2017b). Tal fenômeno pode ser explicado pela transição no que diz respeito à alteridade, mais ou menos a partir da década de 70. Nesse período, os Yanomami aos poucos foram transformando seu modo de ver o outro, de forma que ocorreu, segundo Bruce Albert (2002), um

[...] abandono de uma simbolização etnocêntrica e “às cegas”, na qual os brancos aparecem como sub-humanos, periféricos e inteligíveis, em favor de uma simbolização relativista e dependente, que incorpora os dados da etnificação e os modelos brancos da indianidade. Trata-se, em outras palavras, de uma passagem da “resistência especulativa” (discurso sobre o outro para si) à “adaptação resistente” (discurso sobre si para o outro): de um discurso cosmológico sobre a alteridade a um discurso político sobre etnicidade; das categorias de *yanomae thëpë*, “seres humanos”, e *urihi theripë*,



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

“habitantes da terra-floresta”, de “índios yanomami”, “povo da terra”, “povo da floresta”. (ALBERT, 2002, p.242)

CONCLUSÃO

Atualmente, muitas publicações tentam reverter o saldo negativo que, para o lado indígena, resultou das representações forjadas em torno da identidade indígena e das consequências do contato. Da invenção romântica do “selvagem”, que preencheu o imaginário urbano sobre os índios no Brasil desde o início do século XIX, ao discurso assimilacionista do “primitivo”, que dominou as políticas públicas para índios até 1988, prevaleceram dois tipos de preconceitos opostos e complementares: a ideia de que índio mesmo é aquele que se encontra em “estado puro”, e que deve ser preservado como está, torna-se muito afim à ideia de que o índio que adota elementos da cultura ocidental não deve ser considerado, juridicamente inclusive, índio mesmo. Entre as boas intenções daquela má consciência e os interesses desta consciência má, não há um abismo: o argumento que aparentemente defende o modo de vida indígena é aquele que argumenta pela expropriação do modo de vida indígena, por um critério de pureza. Nos dois lados dessa questão, suprime-se a condição ativa do índio como sujeito de sua própria história para ser tratado como simples objeto, ou melhor: suprime-se sua condição humana para torná-lo um semianimal, o alvo da admiração das boas almas do ocidente será alvo de extermínio da expansão colonial no presente.

Os discursos sobre a alteridade produzidos pelas narrativas xamânicas yanomami permitem reconhecer uma interpretação cosmogônica do napë que tem cedido lugar a interpretações políticas estratégicas, pelo uso de categorias epistêmicas do branco para a compreensão de si e do outro. A presença do não índio nas narrativas cosmogônicas Yanomami ao lado das formas atuais de representá-lo numa nova dicção que incorpora elementos do discurso etnográfico e político do branco sobre a alteridade sustentam a “adaptação resistente” postulada por Bruce Albert, no sentido de que as menções ao não índio são utilizadas não para a construção simbólica deste, mas para a reconstrução ativa da própria identidade yanomami, através da oposição o que está na base das falas de Davi Kopenawa acerca do duplo caráter da prática escrita. Afirmar isso, porém, não inviabiliza o posicionamento de Clastres, pois, é importante lembrar que, para além do fenômeno



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

etnocêntrico demonstrado e inerente a todas as sociedades, segundo o antropólogo, a relação entre indígenas e brancos, na grande maioria das vezes, desencadeou a dizimação e a aculturação das sociedades sem Estado. Assim, a natureza do contato faz com que seja compreensível a forma como os Yanomami, que em determinadas situações reconhecem benesses neste, reclamam para seus ancestrais a criação dos napë pë e de utensílios associados a eles, e muitas vezes os alcunham de Yoasithëri, pelo rastro de maldade que estes deixam, como a entidade fez nos primeiros tempos, quando introduziu a morte na criação de Omama.

PALAVRAS-CHAVE: Yanomami. Alteridade. Contato interétnico. Narrativas Indígenas.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce. O ouro canibal e a queda do céu. Uma crítica xamânica da economia política da natureza (Yanomami). In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Orgs). *Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In:

_____. **A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2014. p. 125-185.

CLASTRES, Pierre. Do etnocídio. In: CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política**. São Paulo: Cosac Naif, 2004. p. 54-63.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Uma introdução. In: CUNHA, Manuela Carneiro da; CESARINO, Pedro de Niemeyer (Org.). **Políticas culturais e povos indígenas**. São Paulo: Editora Unesp, 2016. p. 9-21.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PARAHITERI, Pajés (autores); SOARES, Anne Ballester (org e trad.). **A árvore dos cantos**. São Paulo: Hedra, 2017a.

PARAHITERI, Pajés (autores); SOARES, Anne Ballester (org e trad.). **O surgimento dos pássaros**. São Paulo: Hedra, 2017b.

PARAHITERI, Pajés (autores); SOARES, Anne Ballester (org e trad.). **O surgimento da noite**. São Paulo: Hedra, 2017c.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

PARAHITERI, Pajés (autores); SOARES, Anne Ballester (org e trad.). **Os comedores de terra.** São Paulo: Hedra, 2017d.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO